

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

**ASPECTOS DA EVOLUÇÃO DA MATRIZ PRODUTIVA DA REGIÃO
NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL NO CONTEXTO DA
MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA: 1920 A 1960¹
ASPECTS OF THE EVOLUTION OF THE PRODUCTIVE MATRIX OF THE
NORTHWEST REGION OF RIO GRANDE DO SUL IN THE CONTEXT OF
THE MODERNIZATION OF AGRICULTURE: 1920 TO 1960**

Eliane Spacil De Mello², Argemiro Luis Brum³

¹ PROJETO DE PESQUISA REALIZADO NO CURSO DE MESTRADO EM DIREITOS HUMANOS DA UNIJUI-UNIVERSIDADE DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

² Mestre em Direitos Humanos pela UNIJUI e doutoranda junto ao doutorado em Desenvolvimento Regional da UNIJUI.

³ Professor do DACEC e do Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Regional da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris (França).

RESUMO

O presente trabalho analisa a matriz produtiva da região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul e a modernização da agricultura no período compreendido entre 1920 e 1960. Por isso, resgata a trajetória histórica da formação e colonização da região Noroeste do Rio Grande do Sul, bem como abrange o início da modernização da agricultura após a Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, envolve aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos. A partir desse ponto de partida, o trabalho se preocupa diretamente com a questão da Matriz Produtiva da Região Noroeste do Rio Grande do Sul, e com sua principal atividade econômica, a produção da soja. O trabalho utiliza como método as abordagens qualitativa e descritiva e como técnica de pesquisa o recurso da pesquisa bibliográfica. Conclui-se que a região, no período estudado, passa de uma matriz produtiva simples, voltada a produtos agropecuários coloniais, para uma matriz onde a agroindústria moderna, situada no contexto de um forte processo de modernização pós-Segunda Guerra Mundial, se torna a referência a partir da produção dos grãos soja, trigo e milho.

Palavras-chave: matriz produtiva, região, economia, desenvolvimento.

ABSTRACT

The present work analyses the productive matrix of the Northwest region of the state of Rio Grande do Sul and the modernization of agriculture in the period from 1920 to 1960. It therefore rescues the historical trajectory of the formation and colonization of the northwestern region of

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

Rio Grande do Sul, as well as the beginning of the modernization of agriculture after the Second World War. In this sense, it involves economic, social, cultural and political aspects. From this point of departure, the work is concerned directly with the issue of the productive matrix of the Northwest region of Rio Grande do Sul, and with its main economic activity, the production of soybeans. The work uses as a method the qualitative and descriptive approaches and as a research technique the resource of bibliographical research. It is concluded that in the period studied, the region moves from a simple productive matrix, focused on colonial agricultural products, to a matrix where the modern agroindustry, located in the context of a strong modernization process after World War II, becomes the production of soybeans, wheat and corn.

Keywords: productive matrix, region, economy, development.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar a Matriz Produtiva da Região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul, bem como descrever a modernização da agricultura no período compreendido entre os anos 1920 e 1960, de forma a destacar os impactos econômicos para a região estudada.

Para isso foi realizado um resgate histórico da formação e colonização da região Noroeste do Rio Grande do Sul, descrevendo a região e o processo de modernização da agricultura no período considerado.

Na elaboração do presente trabalho, foi realizada uma descrição bibliográfica da Matriz Produtiva da Região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul e da modernização da agricultura no período de 1920 a 1960. Trata-se de uma pesquisa descritiva por preocupar-se em observar os fatos, registrá-los, analisá-los e interpretá-los. O método utilizado foi o qualitativo, no contexto de uma pesquisa documental.

2. A EVOLUÇÃO DA MATRIZ PRODUTIVA DA REGIÃO NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL

O período compreendido entre 1920 e 1940 apresentou acontecimentos importantes para a economia mundial. A Grande Depressão de 1929 desequilibrou as economias de uma forma em geral. Os acontecimentos nesse período foram marcantes a ponto de delinear transformações para a saída da crise.

O Rio Grande do Sul, assim como o Brasil, também vivenciou estes acontecimentos, com impactos em regiões específicas do estado, caso da região Noroeste.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

2.1. Aspectos da Formação da Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

Inicialmente a Região Noroeste do Rio Grande do Sul era povoada por diversos grupos indígenas, tais como guaranis, charruas, tapes, kaygangs, entre outros. Por volta de 1626 uma grande quantidade de índios, juntamente com os jesuítas espanhóis, em fuga da ação dos bandeirantes que caçavam índios para escravizar, atravessa o rio Uruguai e se instala na sua margem oriental, formando os Sete Povos das Missões. (Brum et al, 2007).

Porém, o desenvolvimento desses povos não ultrapassou o período de 50 anos, pois voltaram a sofrer diversos ataques e perseguições, culminando com o conflito entre portugueses e espanhóis pela demarcação das fronteiras dos territórios das respectivas colônias. O resultado foi a conquista definitiva do território pelos portugueses em 1801.

O início da ocupação e do povoamento da Região Noroeste do Rio Grande do Sul foi bastante diversificado, com a predominância da produção agropecuária, e com produção agrícola inicialmente baseada no trabalho familiar focado na subsistência da família, apenas contando com o excedente para ser comercializado para pagamento das dívidas de compra de terra e de outros meios de produção.

Pode-se afirmar que a Região Noroeste do Rio Grande do Sul, devido a fatores como fertilidade natural do solo e domínio de técnicas de produção dos imigrantes colonizadores, viveu várias fases. Até os anos de 1950 vivenciou a fase pré-moderna, resumidamente baseada na agricultura de subsistência e diversificada, com apoio das cooperativas mistas. Após, veio a crise desse modelo de policultura, que se caracterizou pela “estagnação decorrente dos limites estruturais do sistema de produção baseado na pequena propriedade familiar, dependente do uso intensivo da mão-de-obra familiar e da fertilidade natural do solo” (Brum, 2008, p.32).

Após essa crise e, ainda nos anos de 1950, deu-se início à denominada “Revolução Verde”, marcada pela introdução de tecnologia, técnicas, melhoramento de sementes, utilização de insumos que garantiam altos níveis de produtividade.

Nos anos de 1950 se destacou o cultivo de trigo na Região Noroeste gaúcha, graças ao apoio de instituições e órgãos governamentais e privados, estes ligados à Federação das Cooperativas Tritícolas do Rio Grande do Sul - Fecotrigo. Porém no final dos anos 1950, o trigo entrou em crise.

Além dos fatores descritos acima, motivos econômicos também foram responsáveis por essa crise. Conforme destaca Frantz (2005, p.82):

A presença de

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

grandes quantidades de trigo norte-americano no mercado brasileiro, resultantes de acordos comerciais com os Estados Unidos, originou uma diminuição nos subsídios à produção nacional. Alterações na política de câmbio provocaram a alta do dólar, o que resultou em aumento dos custos de produção, levando os agricultores a diminuir o uso de insumos de origem industrial.

Mesmo assim o Rio Grande do Sul se mantém como o segundo produtor nacional de trigo e, de acordo com Brum et al (2007, p.60), "...a Região do grande Noroeste Gaúcho representa entre 60% e 70% da produção do Estado".

A produção de trigo se estabilizou, mantendo-se como principal cultura de inverno no Noroeste gaúcho. Mas, sem dúvida, é a soja, como principal cultura de verão, implantada particularmente a partir dos anos de 1960, em complemento ao trigo de inverno, que auxilia a viabilizar o cereal de 1990 em diante.

A partir dos anos de 1970 a soja se tornou a cultura de maior expressão na região Noroeste do Rio Grande do Sul.

Em 1972 a oleaginosa ganhou impulso pelo fato de que houve uma interrupção temporária das exportações de soja dos EUA. Assim, a demanda mundial passou a buscar soja no Brasil, fato que resultou em preços elevados tanto no mercado internacional como nacional. Com o cultivo da

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

soja, a Região Noroeste do Rio Grande do Sul passou a experimentar uma melhor estabilidade econômica.

Cabe salientar que o principal diferencial da soja, em relação às outras culturas, está no fato de que sua produção sempre se deu visando especialmente o mercado externo.

Assim, a oleaginosa se torna um importante elemento de geração de renda, o que acaba consolidando um processo diversificado de produção e consolidando uma cadeia produtiva das mais significativas no Brasil. Nesse contexto encontra-se o setor de máquinas e implementos agrícolas, bastante dinâmico no Noroeste gaúcho, sendo também responsável por um grande número de empregos. Porém, cabe destacar que a maior demanda por máquinas está cada vez mais se deslocando para a região Centro-Oeste do país, acompanhando a evolução nacional da produção de soja.

Conforme afirma Brum et al (2007, p. 44):

Embora o Rio Grande do Sul ainda seja o maior fabricante de máquinas e implementos agrícolas, ele não é mais o principal mercado destes bens. Isto está levando as empresas localizadas no Noroeste gaúcho a pensarem, pelo menos, três estratégias: a) permanecer na região, tendo consciência de que a produção de equipamentos de grande porte terá como mercado prioritário o Centro-Oeste brasileiro e a exportação, o que requer uma importante organização de logística; b) pensar igualmente, se for o caso, em diversificar sua linha de produção, priorizando pequenos equipamentos agrícolas adaptados às

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

características
diversificadas da pequena
propriedade rural,
realidade do Noroeste
gaúcho; e c) se transferir
fisicamente para o Centro-
Oeste brasileiro, fato que
não seria a melhor solução
econômica para a Região
Noroeste do Rio Grande
do Sul.

Dessa forma, percebe-se na região uma tendência dos pequenos e médios produtores rurais a se organizarem em grupos para realizar a aquisição das máquinas. Isso indica que existe a necessidade de créditos agrícolas para viabilizar estes investimentos.

Cita-se também, como bases secundárias de exportação na região Noroeste do Estado, a produção de leite e a suinocultura. A instalação de várias indústrias, bem como de cooperativas, para a industrialização do leite e suínos comprovam a importância econômica destes setores na região.

Apesar da Região Noroeste do Estado representar uma das mais importantes bacias leiteiras do Estado, e a produtividade vir melhorando constantemente, a média de preços paga aos produtores oscila bastante, o que acaba causando instabilidade na manutenção da produção.

Quanto à suinocultura, a região tem importante participação no mercado, gerando inclusive uma renda que a coloca em situação de igualdade com a produção leiteira no desenvolvimento regional.

Outras atividades consideradas subsidiárias na região Noroeste do Estado, como a avicultura, por exemplo, embora contribuam para o aumento da competitividade do setor exportador, elevando a geração de emprego e renda, não chegam a assumir um papel importante no potencial econômico regional.

Outra atividade de diversificação de renda praticada na região Noroeste do Rio Grande do Sul é a produção de milho. Tem bastante importância para a região não tanto pela renda que gera, que não é tão significativa se comparada à soja, mas por viabilizar a produção de leite, suínos e gado de corte em confinamento, criação de frango e outros animais.

Outra atividade subsidiária e complementar de renda da região Noroeste gaúcha é a criação

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

de gado bovino para corte, que ocorre no inverno e complementa o trigo. Porém, a atividade pecuária na região Noroeste do Estado é considerada instável, e necessita de uma melhor organização de sua cadeia produtiva. (BRUM et al, 2007)

Diante do exposto, pode-se constatar que a agricultura regional, ao longo do tempo, sofreu muitas transformações. Algumas propriedades foram praticando a policultura, mesclando com a criação de animais para subsistência da família e comercialização dos excedentes. Também ocorreu o surgimento de uma classe média rural, que devido à comercialização de sua produção excedente conquistou um melhor poder aquisitivo que proporcionou a expansão das atividades bem como das pequenas e médias indústrias além de ter ativado o comércio. (BRUM, 1988).

É nesse contexto que o processo de modernização agrícola se consolidou no Rio Grande do Sul a partir de 1950 e permanece presente até os dias de hoje.

3. O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA

As profundas transformações econômicas que ocorreram no mundo explicam o processo de modernização da agricultura ocorrido no Brasil e, em especial no Rio Grande do Sul, a partir do final da Segunda Guerra Mundial. Por isso, para melhor analisar as mudanças que ocorreram na agricultura regional nos últimos tempos é importante relacioná-las com as transformações do mundo e do Brasil no mesmo período, de cujo conjunto a agricultura faz parte.

Pode-se citar como uma das principais mudanças econômicas o caso dos Estados Unidos que, com a Segunda Guerra Mundial se estabeleceram como liderança no mundo capitalista. A União Soviética, por sua vez, passou a exercer a tutela sobre os países que adotaram o sistema socialista, causando a alteração da estrutura do poder mundial. (BRUM, 1988).

Por outro lado, podemos citar como exemplo de mudanças na agricultura, após a Segunda Guerra Mundial, em especial a partir de 1950, importantes transformações: a transferência da mão-de-obra da lavoura e pecuária para outros setores de trabalho; diminuição significativa da agricultura no total do produto social da riqueza anual produzida; crescimento industrial mais acelerado do que o agrícola; ingresso da agricultura na revolução tecnológica, ou seja, da agricultura tradicional passou-se para a agricultura moderna.

Porém, apesar das transformações, a agricultura ainda não conseguiu resolver duas de suas grandes fraquezas: a questão dos flagelos climáticos e os flagelos biológicos, pois até agora não se conseguiu prever satisfatoriamente a exatidão dos primeiros e tampouco foram descobertos métodos suficientemente eficientes para prevenir ou resolver os últimos, de forma que ambos aumentam os riscos e a vulnerabilidade da agricultura. (BRUM, 1988).

Nesse sentido, de meados dos anos de 1990 em diante surgem no mundo as sementes

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

transgênicas, as quais, apesar das controvérsias, visam resolver em boa parte estes dois flagelos. Todavia, no momento da realização deste trabalho (2013) as mesmas ainda estavam em processo de consolidação no mundo e na própria região estudada.

No contexto da modernização, pode-se citar como um exemplo importante de mudança na agricultura a exportação do padrão de produção e consumo norte-americano para outros países, que conforme explica Brum (1988, p.34) "(...) Consiste na substituição da proteína vegetal pela proteína animal na alimentação humana. E o caso da expansão da produção e do consumo da soja ilustra bem esse fato." As formas mais comuns de utilização da soja são através do óleo de soja que muito bem substituiu a gordura animal na alimentação humana, e também o farelo, muito utilizado na alimentação de aves, suíno e bovinos, por ser rico em proteínas.

Dessa forma, a soja vai ganhando espaço no consumo mundial. Esse processo permite, com a modernização da agricultura, sua expansão no Brasil nos anos de 1960 e sua consolidação a partir da década de 1970.

Ou seja, foi após a Segunda Guerra Mundial que se iniciou o processo de modernização da agricultura brasileira, iniciando-se pelo Rio Grande do Sul, o que impulsionou a sua internacionalização.

De acordo com Brum (1988, p.60), pode-se conceituar a modernização da agricultura como:

"... sendo o processo através do qual ocorrem modificações na base técnica da produção. Assim, agricultura moderna (ou modernizada) é a fase agrícola que se caracteriza pelo uso intensivo, a nível de unidades produtoras, de máquinas e insumos modernos, bem como por uma maior racionalização do empreendimento e

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

pela incorporação de inovações técnicas, quer dizer, a utilização de métodos e técnicas de preparo e cultivo do solo, de tratamentos culturais e de processos de colheita mais sofisticados.”

Pode-se afirmar então que a modernização da agricultura significa a mecanização e a tecnificação da lavoura, mensurada pela quantidade de maquinário, equipamento e insumos que nela são utilizados. Ao comparar os anos de 1950 com os de 1960 e seguintes, percebe-se um significativo aumento do uso de tratores, por exemplo, o que se justifica pela instalação da Ford no Brasil em 1959, pois antes os tratores eram somente importados. O aumento da tecnologia permite aos produtores alcançar maior rentabilidade, o que é possível pelo consequente aumento das áreas cultivadas, bem como da escala de produção (TEIXEIRA, 2005).

Entretanto, a modernização da agricultura também pode ser definida como um processo de modificação nas relações sociais de produção, com objetivo principal de lucro, onde a produção é destinada primeiramente ao mercado.

Outro aspecto que a modernização traz é uma relação mais estreita da agricultura com a indústria, com o comércio e o setor financeiro, o que a diferencia da relação que existe entre a agricultura de subsistência e o consumo e/ou autoconsumo. Esse estreitamento da relação entre a agricultura e a indústria se deve, principalmente, ao fato de que os produtos agrícolas cada vez mais estão sendo industrializados, bem como a própria agricultura vem se utilizando cada vez mais das máquinas e dos insumos modernos.

De uma forma geral, podem-se citar as seguintes características do processo de modernização da agricultura: a especialização com forte tendência à monoculturas regionais; consolidação da empresa rural capitalista com a consequente desestabilização da pequena propriedade sob regime de trabalho familiar; concentração da propriedade da terra; a supervalorização das terras; e o uso intensivo do capital com forte dependência do setor bancário (créditos agrícolas) (BRUM, 1988).

De acordo com Brum (1988, p.72), o processo de modernização da agricultura pode ser dividido em três fases:

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

(...) a primeira, até o início da década de 70, centrada no trigo, tendo, a partir dos anos 60, a soja como lavoura secundária em crescente expansão e importância; a segunda, na década de 70, com ênfase para o período 1972-1978, liderada pela soja, passando o trigo a uma posição secundária e declinante; a terceira, a partir de 1978/1979, em que se passou a buscar uma maior diversificação de culturas, diante da vulnerabilidade e dos riscos decorrentes do fato de basear a agricultura e, por consequência, a economia da região nos processos ou frustrações de apenas duas culturas - o binômio trigo-soja.

A primeira fase, representada pelo trigo, se deu a partir de 1950, período marcado pela facilidade de obtenção de créditos, juros favoráveis e garantia de preço estável. Porém, essas vantagens esbarravam no problema da comercialização, tendo em vista que o trigo estrangeiro

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

apresentava melhor qualidade e era mais barato.

Assim, o trigo encabeçou o processo de modernização da agricultura até o início dos anos de 1970. Mas tendo em vista as frequentes frustrações de safra, foi rapidamente superado pela soja, a qual demonstrou uma significativa expansão desde a década anterior. (BRUM, 1988).

A segunda fase, marcada pelo cultivo da soja, a qual foi introduzida a partir dos anos de 1940, foi adquirindo maior significância até atingir uma posição secundária no final dos anos de 1950 e primeira metade da década de 1960. A soja vinha sendo cultivada em posição secundária ao trigo, ambas as culturas aproveitavam a mesma área de terra, já que uma é cultura de inverno e a outra de verão, e utilizavam a mesma fertilização e maquinário agrícolas. Porém, devido às frequentes frustrações da lavoura de trigo, causadas pelas mudanças climáticas que com o tempo vieram ocorrendo, os produtores passaram a ampliar a produção da soja. (BRUM, 1988).

A soja foi assim substituindo as demais culturas e, até o final da década de 1970, se verificou uma surpreendente expansão, chegando a caracterizar uma fase de monocultura na região.

Porém, a partir de 1978, houve uma série de frustrações de safras, tanto de soja quanto de trigo, que causaram consequências negativas para a economia regional. Isso ocasionou a introdução da terceira fase do processo de modernização da agricultura: a fase da diversificação.

Esta terceira fase se deu não apenas pelas frustrações de safra ocorridas. Um fator que impulsionou a diversificação foi a ocorrência, a partir de 1979, de acordo com Brum (1988, p.79), "... da segunda grande alta dos preços do petróleo no mercado internacional" o que fez com que se agravasse a situação dos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, incluindo o Brasil.

Em vista dessa nova situação, passou-se a pensar em novas alternativas para a agricultura da região. Partiu-se inicialmente para a opção da pecuária que, nas palavras de Brum (1988, p.79):

Não é propriamente um recuo à fase anterior, da agricultura tradicional, mas um avanço dentro da modernização, com certa correção de rumo. Pretende-se superar a fase da monocultura ou do

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

binômio trigo-soja, que se mostrou tão vulnerável nos últimos anos. Estimula-se a diversificação da atividade agrícola, com a produção de vários produtos, bem como a integração entre a lavoura e a pecuária, esta com mais ênfase para a criação de suínos, gado leiteiro e de corte, bem como de aves, variando conforme a “vocação” das microrregiões.

Assim, a pecuária é tida como uma forma de diversificação, com vistas a aumentar a rentabilidade da propriedade agrícola como um todo.

Portanto, nessa terceira fase do processo da modernização da agricultura, marcada pela diversificação da agropecuária, se vislumbra a dificuldade que os produtores rurais enfrentaram, haja vista que já vinham acumulando um elevado grau de endividamento e, para diversificar sua produção, acabam tendo que se valer de empréstimos e financiamentos bancários, o que agrava ainda mais sua situação.

O fator que mais influenciou o processo de modernização da agricultura no Brasil, sem d  vida, foi a concessão de crédito fácil com juros baixos, pois possibilitou a aquisição de “máquinas, implementos, equipamentos, calcário, fertilizantes, sementes, defensivos (herbicidas, pesticidas, fungicidas, etc.), crédito para custeio, para instalações, para aquisição de matrizes, etc.” (Brum 1988, p.88).

Todavia, tal processo encontra seus limites. Ainda nos anos de 1980, devido às exigências impostas pelo FMI para ajustar a economia brasileira    conjuntura internacional, foram retirados, de forma rápida e progressiva, os subsídios ao crédito. Como resultado, o agricultor ficou sujeito

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

ao livre jogo do mercado financeiro, no mesmo momento em que o mercado interno se retraiu diante de uma política de arrocho salarial que diminuiu o poder aquisitivo da população. Somam-se a isso as frustrações de safra, a baixa dos preços dos produtos agrícolas, principalmente os de exportação, e o endividamento de grande parte dos produtores rurais, o que resulta na eliminação de pequenos e também de médios agricultores do sistema produtivo, dando espaço para “o avanço e consolidação da empresa rural capitalista.” (BRUM, 1988).

Assim, pode-se constatar que o processo de modernização da agricultura trouxe mudanças sociais muito significativas, onde os produtores que não foram excluídos do sistema produtivo agrícola, bem como as indústrias, comércio, bancos e demais serviços ligados ao ramo agrícola, foram de alguma forma beneficiados, cada um a sua maneira

Além dessas mudanças, não se pode deixar de mencionar o caso das cooperativas. As mesmas cresceram com rapidez, imobilizaram em demasia, capitalizaram pouco e se endividaram muito, levando as pequenas à falência, e as grandes a reduzir suas atividades no setor agroindustrial, ficando difícil sua recuperação.

Como alternativa viável nesse processo de modernização, primou-se pela diversificação controlada da produção, ficando, no médio prazo, a ênfase na produção da soja. Essa diversificação se refere não apenas ao cultivo de várias culturas diferentes na propriedade, mas sim na variedade significativa de culturas produzidas em um determinado grau de quantidade no conjunto de cada Estado ou região.

Além disso, houve a implantação do planejamento agrícola visando o aumento da produção com baixos custos, sem esquecer da proteção do meio-ambiente.

Porém, mesmo diante das alternativas encontradas para acompanhar o processo de modernização da agricultura, ainda paira uma sensação de incerteza e insegurança. Tanto pela situação de endividamento do setor agrícola, quanto pela situação de dependência da economia brasileira perante o mundo. Alternativas como a diversificação, por exemplo, ainda não chegam a ser suficientes, representando apenas uma forma de resistência e de manter a esperança de melhora.

Mesmo assim, o processo de modernização agrícola é definitivo, e a tendência é aumentar a produtividade, avançar na diversificação através do crescimento e melhorias tecnológicas.

Constata-se que a especialização, consequência da difusão da modernização, passa pelo desenvolvimento e a produção de culturas consideradas típicas da região, que no Sul do Brasil, por exemplo, é o caso principalmente da soja, do trigo e do milho. Dessa forma, a especialização agrícola faz com que as monoculturas cresçam.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se que a matriz produtiva da região Noroeste do Rio Grande do Sul se dá em torno do setor agropecuário, ligada, particularmente, ao cultivo de trigo, milho e soja, mesclada com a criação de gado, suínos e leite, acompanhada de uma indústria ligada à transformação dos produtos primários e igualmente à produção de insumos, máquinas e implementos para a agropecuária.

Se o embrião da modernização do Noroeste gaúcho surge após a grande crise econômico-financeira de 1929, sua real instalação se dá após a Segunda Grande Guerra Mundial (entre 1945 e os anos de 1960), com o advento da Revolução Verde, projetado gestado nos EUA e “vendido” ao mundo em um contexto de modernização agrícola.

Esta situação provoca uma grande mudança na matriz produtiva primária do Noroeste gaúcho. A mesma estimula a especialização dos produtores na produção de grãos, especialmente trigo e soja, deixando de lado as atividades coloniais tradicionais até então existentes. Com o passar dos anos o sistema se aprofunda e as próprias agroindústrias familiares de antanho passam a ser absorvidas por um processo agroindustrial novo, o qual privilegia a transformação da soja, a produção de rações animais, a produção de farinha em torno de moinhos maiores, a instalação de frigoríficos de suínos com projetos integrados e, mais tarde, a indústria láctea. No bojo deste processo, as pequenas cooperativas mistas, existentes desde os primórdios da colonização europeia na região, foram absorvidas e/ou substituídas pelas grandes cooperativas chamadas de produção, as quais passam a ter o papel de armazenar o trigo e a soja, gerando sistemas de comercialização adequados para estes grãos, além de sistemas modernizados de venda de insumos destinados especialmente a estas atividades primárias. O auge deste processo se dá nos anos de 1970, tema que será objeto de estudo posterior.

5. REFERÊNCIAS

BRUM, Argemiro Jacob. **Modernização da Agricultura Trigo e Soja**. Editora Vozes: Petrópolis-RJ, 1988.

BRUM, Argemiro Luís, et al. **Proposição de Estratégias de Desenvolvimento Ligadas ao Agronegócio para o COREDE Noroeste Colonial do Rio Grande do Sul**. Editora Unijui: Ijuí, 2007.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

BRUM, Argemiro Luis et al. **Os Desafios Gerenciais da Pequena Propriedade Rural do Rio Grande do Sul: O Caso da Região Noroeste Colonial** in MULLER, Patrícia K; BRUM, Argemiro Luis. (org). Aspectos do Agronegócio no Brasil: a Realidade na Primeira Década do Terceiro Milênio. Ijuí, editora Unijui, 2008.

FRANTZ, Telmo Rudi; NETO, Benedito Silva. **A Formação Histórica dos Sistemas Agrários do Rio Grande do Sul**. In: BASSO, David; NETO, Benedito Silva (org). Sistemas Agrários do Rio Grande do Sul – Análise e Recomendações de Políticas. Ijuí: Editora Unijui, 2005.

SOUZA, Dalmo S. de., **A Economia da Região Noroeste do Rio Grande do Sul: uma perspectiva estrutural**, Ijuí: Editora Unijui, 1995.

TEIXEIRA, Jodenir Calixto. **Modernização da Agricultura no Brasil: Impactos Econômicos, Sociais e Ambientais**. www.cptl.ufms.br/geo/revista-geo/revista_ano2_numero2/jodenir.pdf. Acesso em 03/07/2018, 14:30 hs. Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas, Três Lagoas-MS, V 2 – n.º 2 – ano 2, Setembro de 2005